

“Homem igual mulher, pior que uma mulher”: escrita das masculinidades na literatura de Jorge Amado¹

“Man equal to woman, worse than a woman”:
writing masculinities in Jorge Amado's literature

“El hombre igual a la mujer, peor que la mujer”:
la escritura de las masculinidades en la literatura de
Jorge Amado

Altair Santa Clara de Oliveira Neto²

 [0009-0007-5710-6665](https://orcid.org/0009-0007-5710-6665)

Resumo: Este estudo buscou reaver na história um fazer crítico através da análise do texto literário, elencando como problemática o mapeamento das masculinidades e suas relações com atividade e passividade na escrita de Jorge Amado, em *Suor* (1934) e *Capitães da Areia* (1937). Articulando estudos feministas, de intelectuais negras, teoria *queer* e de correntes filosófico-históricas pós-estruturalistas, interessou-se na relação entre classe, raça e sexualidade como marcadores das subjetividades amadianas.

Palavras-chave: Jorge Amado. Masculinidades. Raça. Sexualidade. Subjetividade.

Abstract: This study sought to recover in history a critical approach through the analysis of literary texts, framing as its central problem the mapping of masculinities and their relations with activity and passivity in Jorge Amado's writing, particularly in *Suor* (1934) and *Capitães da Areia* (1937). By engaging feminist studies, Black women intellectuals' thought, queer theory, and post-structuralist philosophical-historical frameworks, it focused on the relationship between class, race, and sexuality as markers of Amadian subjectivities.

Keywords: Jorge Amado. Masculinities. Race. Sexuality. Subjectivity.

Resumen: Este estudio buscó rescatar en la historia un enfoque crítico mediante el análisis del texto literario, planteando como problemática el mapeo de las masculinidades y sus relaciones con la actividad y la pasividad en la escritura de Jorge Amado, en *Suor* (1934) y *Capitanes de la arena* (1937). Articulando estudios feministas, de intelectuales negras, teoría *queer* y corrientes filosófico-históricas posestructuralistas, se centró en la relación entre clase, raza y sexualidad como marcadores de las subjetividades amadianas.

Palabras-clave: Jorge Amado. Masculinidades. Raza. Sexualidad. Subjetividad.

¹ Texto vencedor do I Prêmio de Trabalhos de Conclusão de Curso "Ana Maria de Oliveira Burmester" organizado pela Associação Nacional de História - Seção Paraná - ANPUH-PR.

² Mestrando em História da Universidade Federal do Paraná - UFPR. Lattes: [1912174960650544](https://lattes.cnpq.br/1912174960650544) - E-mail: altairsantaclara@gmail.com.



Introdução

Se é possível entender a literatura enquanto prática discursiva, é perceptível, em igual medida, que esse seu caráter não está alheio de pensar a ficção como um discurso que produz experiência. Percebendo que as lógicas formativas da identidade e do sujeito nacional não deixaram de se utilizar do discurso literário como possibilitador de considerações sobre os componentes necessários para instauração do *Eu democrático*, não deixa de ser marcante que, na posição de “intérpretes” de uma suposta realidade vivida, as torções literárias de muitos dos “cânones” de nossa literatura articularam cenários muito próprios de subjetividades, sempre atentos, como possibilidade de crítica social, àqueles que ocupavam as “margens da sociedade brasileira”. Advém desse cenário a impossibilidade de pensar uma literatura nacional que escape das múltiplas (e diferentes) aproximações de sujeitos e identidades realizadas nas produções de um Machado de Assis, de um Lima Barreto, de um Graciliano Ramos, de um Mário de Andrade, de um Monteiro Lobato, de uma Patrícia Galvão, e de tantos outros que, mais do que “representações” de um Brasil, foram produtores dele.

Nesse sentido, um trabalho histórico que se interesse em reaver no texto literário possibilidades de mapear as múltiplas camadas de produção dos discursos sobre os componentes de sujeito, identidade e nação, deve pressupor alguém que desdobre e paute de modo muito claro as múltiplas camadas de formação de uma “brasilidade”. Assim, este estudo elenca Jorge Amado como pivô de aproximação, não por sua importância primeira sobre tantos outros escritores, mas por suas inserções, mesclagens e transformações nos variados campos de produção de saber. Reconhecido como um dos grandes escritores da literatura brasileira, exaltado por seus romances de costume, pelas carnalidades e sensualidades expressadas pela leitura de uma identidade nacional, o autor fez-se reconhecer primeiramente pelos moldes estilísticos de uma literatura coletiva que estava calcada, sobretudo, no engajamento político e pressupostos partidários.

O seu ingresso no Partido Comunista do Brasil (PCB), na década de 1930, como um dos marcadores dessas inúmeras modulações, permite não apenas um vislumbre sobre as articulações possíveis entre sua escrita e militância, como também uma aproximação da historicidade das produções teóricas e dos reordenamentos políticos desde uma posição das esquerdas, fornecendo olhares sobre os múltiplos projetos de sujeito e de identidade nacional



que populam as produções do Brasil do início do século XX. Se sua trajetória está marcada por transformações políticas e literárias, é possível que forneça aportes pertinentes para guiar uma análise dos deslocamentos em seus projetos de país e de que maneira constituem a formação de seus sujeitos.

Neste estudo, os marcadores de raça, classe e sexualidade forneceram os elementos para aproximação do texto amadiano, de modo a guiar a análise das formulações discursivas do autor em seus trânsitos de escrita e militância. Ao elencar como temática central a construção das masculinidades nas tessituras literárias de Amado, o trabalho procurou em igual medida entender de que modo o autor hierarquiza performances e modula subjetividades pautado pelos critérios de atividade e passividade, articulados entre a prática sexual e o papel político-social. Todos esses elementos são transpassados por uma análise comparativa entre os romances *Suor*, de 1934, e *Capitães da Areia*, de 1937. *Suor* retrata a vida miserável de moradores de um cortiço em Salvador, expondo a exploração e a resistência dos marginalizados. *Capitães da Areia*, por sua vez, acompanha um grupo de meninos abandonados que sobrevivem de crimes nas ruas da cidade, denunciando a negligência do Estado e a desigualdade, enquanto constroem novos laços. A análise das obras está atenta não apenas aos debates políticos da escrita de um *romance proletário*, mapeado pela conexões do autor ao ambiente da crítica literária no periódico *Boletim de Ariel* (1931-1939), mas em igual medida às aproximações do escritor baiano das teses de miscigenação e harmonia de raças que permeiam a sua leitura de Gilberto Freyre. Pretende-se, com esse movimento, estabelecer uma leitura crítica das torções literárias de Amado e questionar o seu reposicionamento da heteronormatividade e da branquitude como política que, por meio da formulação de uma moral monolítica e da secundarização das subjetividades, exclui as estéticas desviantes.

Másculos militantes: subjetividade revolucionária e atividade política nas masculinidades amadianas

A figura do trabalhador, como bem aponta Maria Bordini (2019), não era inusual mesmo antes da ascensão do realismo e do que se convencionou nomear de *romance proletário*. A caracterização da miserabilidade no debate literário é apresentada pela autora com a retomada de uma tradição naturalista, na qual já se encontram aspectos marcantes de



tais figuras em obras nacionais e internacionais (Bordini, 2019, p. 26). É nítido ainda, para Bordini, que a inserção do conceito de *proletariado* que permeia os romances de 30, muito embora interligado às teorias marxistas, tenha particularidades no cenário brasileiro, uma vez que as características de um “proletariado brasileiro”, devido à industrialização nacional tardia, não estavam necessariamente de acordo com outros cenários do capitalismo global (Bordini, 2019, p. 27). Esses deslocamentos de origem epistemológica, tais como os político-ideológicos, engendraram mobilizações distintas da figura do trabalhador, possibilitando um ampliação de caracterizações dos cenários de opressão.

Nas obras de Jorge Amado, muito embora a figura do proletário urbano, o operário, esteja presente, é perceptível a mobilização de uma gama mais diversificada de trabalhadores. Muito conectado ao ambiente dos cais e portos, Amado não deixa de inserir sempre as figuras dos pescadores, dos saveiristas, dos estivadores, mas igualmente, como em *Suor*, das lavadeiras e das costureiras. Ainda é perceptível a maneira pela qual o escritor utiliza-se de figuras alheias ao ambiente do trabalho fabril para desdobrar sua temática da miséria. Pensando na figuração de um *lumpemproletariado*², os vagabundos, as prostitutas, os delinquentes, os doentes também são inseridos dentro do projeto literário amadiano e corroboram para as ampliações dos cenários de revolução. Muito embora tais personagens não sejam os focos das narrativas revolucionárias, o que denuncia ainda seu caráter marginal dentro do próprio enredo, a possibilidade de sua movimentação para o centro da atividade política, mais uma vez, é pautada pelo processo de conscientização de classe.

Diante disso, pode-se inquirir de que maneira a estética do trabalhador é pensada por Amado e operada dentro de um conceito próprio de *masculinidade* e *virilidade*. Conforme aponta Pigenet (2013, p. 248-249), explorando as constituições das virilidades no cenário europeu do século XIX, uma tradição estética se modula de tal forma que a figura do trabalhador constitui-se pautando atributos mais evidentes da virilidade. O corpo e a musculatura formam o homem que lida com uma matéria, identificada ela própria pelos

² Pontes (2018) conceitua o *lumpemproletariado* dentro de uma leitura do conceito marxista mais geral, derivado do alemão “lump” ou “lumpen”, que adquire a significação de “pessoa desprezível”. Nas obras de Marx, a conceituação de “lumpemproletariado” contorna aqueles sujeitos que passivamente aceitam a velha ordem e são predispostos à cooptação. Partindo da análise econômica, Marx delimita a categoria em três: os aptos para o trabalho que no entanto o rejeitam (prostitutas, vagabundos e delinquentes); o exército industrial de reserva (crianças, órfãos e indigentes) e, os degredados e inválidos (idosos, doentes, aleijados, viúvas, etc.) Nesse bojo, percebemos a adaptação dos conceitos de Marx para a delimitação dos personagens amadianos em seus respectivos romances.



componentes de resistência e energia, realizando a combinação dos pressupostos de potência física e determinação moral (Pigenet, 2013, p. 250). A associação da força revolucionária às “costas largas” e “músculos salientes” forneceu uma valorização da virilidade conectada à vitalidade das classes populares. Muito embora a condição do trabalhador e dos aspectos viris reordenem-se nesse cenário, expõe Pigenet (2013), provocando em determinados momentos contradições e clichês maniqueístas nas representações dessas imagens, é perceptível a constante utilização dos aspectos de uma barbaridade e brutalidade instintiva, todavia fulcral em um movimento de luta revolucionária.

Por outro lado, Thierry Pillon (2013) observa a maneira como a imagética do trabalhador altera-se no transcorrer do século XX, questionando a hegemonia das representações de força em um proletariado cada vez mais difuso. Pillon (2013, p. 365) corrobora com as noções trazidas por Pigenet (2013) na medida que expõe um programa estético do proletariado que se forma no final do século XIX, o qual reforça “[...] um tipo masculino com atributos viris ressaltados: a força e o músculo”. Adentrando os meandros da *iconografia proletária*, fortemente conectada com a força política dos partidos comunistas do início do século XX, percebe uma insistência nas qualificações das representações do tronco nu, dos músculos salientes e do imaginário do “macho robusto e orgulhoso”.

A construção do proletariado viril, portanto, perpassa a mistura dos atributos físicos, morais e psicológicos, nos quais as suas virtudes, sejam elas força, poder produtivo ou engajamento violento, e suas versões morais, com coragem e orgulho, fundamentam-se na imensa preocupação com a disciplina. Ao mesmo tempo, a autoafirmação e a violência fazem-se discursos frequentes sobre os costumes proletários, ao passo que o temperamento é desenhado aos moldes do corpo, no qual qualquer falta da brutalidade esperada é percebida como falta na masculinidade (Pillon, 2013, p. 381). Essas inserções dos atributos viris são notáveis em muitas instâncias das construções das personagens amadianas, seja pela caracterização da figura masculina, como também pela delimitação da feminilidade, como explicitado nos casos das personagens Rosa Palmeirão, Maria Cabuçu e Dora, aquelas majoritariamente em *Suor* e a última em *Capitães da Areia*.

As relações de Amado com tais discursos podem ser vistas também pelo que seria a especificidade da noção de *masculinidade* e *virilidade* no cenário próprio do Nordeste brasileiro no início do século. Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2003) apresenta as



formas como a figura do “macho” é constituída no interior da organização dos movimentos regionalistas tradicionalistas. O historiador percebe a maneira como, no início do século XX, os recortes regionais no âmbito político começam a demonstrar maior preponderância na organização e manutenção da ordem social. Pelo menos até a década de 1930, conforme aponta Muniz, a formulação da identidade regional foi sendo paulatinamente condensada no conceito de *nordestino*, convivendo até esse momento com outras designações, como nortista, sertanejos, brejeiros, entre outros (Albuquerque Júnior, 2003, p. 137). O *tipo nordestino* será paulatinamente confeccionado pelas camadas discursivas nos variados campos da política e cultura, com a peculiaridade de propor-se dentro de uma noção de regionalismo não-separatista, conforme explicitado pelas proposições de Gilberto Freyre (Albuquerque Júnior, 2003, p. 143). O regionalismo afirmativo e tradicionalista freyriano inaugurará um trabalho de mistura dos traços físicos e psicológicos dos habitantes da região, em um movimento que busca no passado e na valorização da tradição os pressupostos do *tipo regional brasileiro* que montar-se-á, finalmente, a partir da década de 1930 (Albuquerque Júnior, 2003, p. 146). Nesse sentido, o nordestino é o homem definido na contramão do avanço modernizador capitalista, reativando a brutalidade e a robustez viril capazes de assegurar a resistência de sua região à passividade e subserviência (Albuquerque Júnior, 2003, p. 150-151).

Retomando a literatura amadiana, podemos perceber aproximações e disparidades do cenário analisado por Albuquerque Júnior (2003). Não deixa de ser marcante a figuração da violência e dos pressupostos que constroem a noção de um homem “macho”, orgulhoso e resistente. A inserção da figura do negro, sempre pela demarcação de suas qualidades físicas, como nos casos de João Grande, em *Capitães da Areia*, e Henrique, em *Suor*, apresentam a mobilização nuançada por Amado das leituras culturalistas que igualmente transpassam a sociologia e o projeto regionalista de Gilberto Freyre. Há, na literatura amadiana, o diálogo entre os discursos regionalistas e o reposicionamento da estética proletária. A articulação dos valores do trabalhador e suas atribuições físicas e psicológicas perpassam a construção de um ambiente que não atua tanto pela hierarquização, como colocaria a leitura eugenista, mas pela articulação do pressuposto de harmonia entre as raças com o viés convergente de conscientização de classe, como exposto em *Suor*: “Um grupo de homens sujos e suados



subia a ladeira. Pela primeira vez o violinista compreendeu o que seria a revolta daqueles homens explorados. No dia em que eles descobrissem” (Amado, 2011, p. 60).

Em *Capitães da Areia*, é para a figura do negro que convergem os pressupostos de força física e dos atributos de brutalidade e violência que constituem as masculinidades amadianas. É o caso da descrição de João Grande:

Cedo João Grande se fez um dos chefes e nunca deixou de ser convidado para as reuniões que os maiores faziam para planejar os furtos. Não que fosse um bom organizador de assaltos, uma inteligência viva. Ao contrário, doía-lhe a cabeça se tinha que pensar. Ficava com os olhos ardendo, como ficava também quando via alguém fazendo maldade com os menores. Então seus músculos se retesavam e estava disposto a qualquer briga. Mas a sua enorme força muscular o fizera temido (Amado, 2009, p. 28-29).

Jorge Amado não necessariamente elenca tais pressupostos a um tipo nordestino, tal como definido por Albuquerque Júnior (2003). Muito embora os cenários ficcionalizados por ele estejam centralizados em Salvador e este seja um espaço essencial para a mobilização de suas narrativas, o caráter mais generalista com o qual o escritor propõe seu projeto literário nesse momento conversa de modo distinto pela inserção do componente proletário, que emula determinados pressupostos da estética e da moral revolucionária. É perceptível, dentro desse cenário, a formulação dos aspectos da virilidade conectada aos embates revolucionários e contestadores dos sistemas de opressão capitalistas.

Percebe-se, pelo exposto, que a complexificação do cenário histórico e as múltiplas composições discursivas possibilitam um ampliamto crítico na leitura dos textos amadianos. Conforme elencado, os componentes de raça, gênero e sexualidade são transpassados pelos muitos trânsitos do autor e pelos diálogos constantes em diferentes ambientes, possibilitando nuances, reorganizações e descontinuidades em seus discursos e no entendimento da aproximação entre a literatura e a militância. Ao mesmo tempo, a maneira como os componentes de masculinidade e virilidade, entendidas nas particularidades mobilizadas pelo escritor, fornecem sondagens à própria constituição do seu sujeito revolucionário e de seu projeto de revolução. Diante disso, problematizo agora a maneira como a mobilização de Amado dos pressupostos revolucionários através das aproximações de um *romance proletário* caminham em consonância com a formulação de suas subjetividades revolucionárias em seu projeto literário.



As masculinidades revolucionárias e a figuração das personagens militantes em Jorge Amado

Buscar definir o conceito de *romance proletário* no Brasil do início do século XX é estar atento às muitas ambiguidades e reformulações que o seu emprego engendra. Todavia, os debates acerca dessa forma de escrita são essenciais para se pensar as figurações nela contidas e as formas de aproximação dessas construções. Não deixa de ser marcante, nesse sentido, suas muitas aproximações com as teses de um realismo soviético e do movimento de formular uma cultura proletária. No período soviético, conforme expõe Neto (2022), é visível uma aproximação maior do texto literário com os preceitos encabeçados pelo Partido Comunista, o qual compreendia o papel da arte no caráter pedagógico de conscientização do trabalhador sobre o seu papel na luta revolucionária (Neto, 2022, p. 20). No entanto, as disparidades dentro do próprio movimento revolucionário fizeram emergir perspectivas distintas acerca da arte proletária e do seu importante papel como mobilização de luta e conscientização. Os pressupostos de tais delimitações teóricas miravam a noção de que a classe burguesa havia instaurado uma cultura própria, portanto, recaindo em formas específicas de arte. A nova concepção artística socialista deveria então ser formulada pelos caminhos de diferenciação do caráter demasiadamente subjetivo e de anulação do indivíduo da arte burguesa, na qual, sob a ótica socialista, pressupunha-se uma “objetividade da realidade” com “[...] a reprodução de um mundo no qual não mais existissem as contradições da sociedade capitalista” (Neto, 2022, p. 21). A fixação da moral do proletariado e da condução das obras pela ênfase nas experiências de trabalho e práticas de coletividade ganham destaque, mas não de maneira a configurar-se como único elemento mobilizado, já que essa nova concepção de arte deve ser entendida pelos seus múltiplos campos de análise (Neto, 2022, p. 24).

A literatura proletária, em toda a sua complexidade de aproximações e plasticidade conceitual, não ficou restringida à experiência soviética. Neto (2022) pontua algumas das principais transformações engendradas pela proposta nos Estados Unidos e no Brasil, espaços nos quais se procurava uma adequação maior do conceito às práticas de seus respectivos proletários. Nos Estados Unidos, obras como *Judeus sem Dinheiro*, de Michael Gold (1987) e *Trilogia USA*, de John Dos Passos (2000), vinculam percepções do romance proletário à crise de 1929, destacando a literatura como ferramenta de conscientização, que deve ter linguagem



simples e representação “honestas” do mundo do trabalho (Neto, 2022, p. 29-31). É marcante que Gold seja um dos escritores aos quais Jorge Amado rende elogios e efetivamente reconhece o papel na formação do conceito de *romance proletário* (Amado, 1992, p. 183).

Os trânsitos desses debates aparecem no Brasil de maneira mais efetiva na década de 1930. Pensando no ambiente de ampliação do corpo editorial e da circulação e tradução de inúmeras obras (Goldstein, 2019, p. 42), é ainda relevante a formação de círculos intelectuais que recepcionaram e debatiam os preceitos literários internacionais. É o caso evidenciado por Neto (2022, p. 38) quanto ao papel dos periódicos críticos do período, como o *Boletim de Ariel*. São nesses círculos que autores como Jorge Amado transitavam entre a ficção e a crítica literária, contribuindo para os diálogos conceituais de sua época. O caso do *Boletim* é emblemático por fornecer um circuito de interações e reordenamentos político-literários, sobretudo sobre o romance proletário e o que ele significava para a produção dos sujeitos na escrita literária.

Com direção e redação de Agripino Grieco e Gastão Cruls, respectivamente, o periódico estava atrelado às atividades da Editora Ariel, tendo circulado no espaço carioca entre 1931 e 1939, perfazendo cerca de 89 números. A editora, de catálogo variado, configurou-se como empresa importante no cenário literário brasileiro, fazendo convergir escritores do calibre de Jorge Amado, Gilberto Amado, José Maria Belo, entre outros, integrantes das páginas do *Boletim* (Luca, 2018, p. 7). Com tiragem média de três mil exemplares, bem menor que correspondentes do segmento como *O Mundo Literário*, o *Boletim de Ariel* estava longe de se configurar como desprezível para a análise do cenário literário-intelectual do período. Suas mobilizações abordavam assuntos relativos ao mundo das letras, autores e livros clássicos, prêmios, lançamentos importantes, produção literária, além de considerações mais explicitamente relativas ao contexto sociopolítico. As páginas do periódico não deixavam de esboçar uma gama de ensaios, resenhas e notas críticas, coadunadas com comentários acerca de obras de caráter didático, sociológico, político e religioso, o que denota a tentativa de fornecer um quadro o mais amplo possível do debate literário (Luca, 2018, p. 9). As seções, em geral, não eram fixas, sendo que é a partir do quinto ano que a revista começa a fornecer panoramas mais aproximados das áreas do teatro, da música, das artes plásticas, do cinema, da rádio e dos discos. Luca (2018) aponta que o *Boletim* é essencial para pensar um processo de sondagem sobre o espaço editorial no Brasil



naquele período de efervescentes debates do ponto de vista político-ideológico. O cenário do romance proletário, nesse sentido, pode ser verificado como reforçador dessa tese.

Ao inserir-se nesse ambiente, Jorge Amado, para além de desenvolver sua própria vertente como crítico, desloca a produção de seu texto literário para construir subjetividades guiadas pelos preceitos da coletividade e por uma massa inteiramente inclinada ao fazer revolucionário (Bueno, 2006, p. 254-255). Um exemplo é o artigo crítico do autor na edição de agosto de 1932 do *Boletim*, direcionado à obra *Os Corumbas*, de Amado Fontes. O escritor procura, em um primeiro momento, oferecer o artigo como uma nota ao romance, quase como uma inquietação frente a alguns questionamentos que vinham se desdobrando no contexto de sua publicação. Reconhecendo a plasticidade inerente às formulações do romance proletário, tal como os solavancos nas intenções de estabelecimento das zonas limítrofes com o romance burguês, Amado questiona a suposição de que o romance de Fontes pode se encaixar na grande seara das produções proletárias, postulando que o caráter principal dessa literatura é a instigação da luta e da revolta:

Primeiro, acho que as fronteiras que separam o romance proletario do romance burguez não estão ainda perfeitamente delimitadas. Mas já se adivinham algumas. A litteratura proletaria é uma litteratura de lucta e de revolta. E de movimento de massa. Sem heróe nem heróes de primeiro plano. Sem enredo e sem senso de immoralidade. Fixando vidas miseraveis sem piedade mas com revolta. E' mais chronica e pamphleto (ver *Judeus sem dinheiro*, *Passageiros de terceira*, *O cimento*) do que romance no sentido burguez (Amado, 1933, p. 292).

Ao preferir contar o “romance de uma família e não o romance de uma fábrica”, Fontes escapava à delimitação amadiana que amalgamava produção literária e militância política. Elevando a figura do proletariado ao cerne de todas as discussões dos enredos, seria imprescindível, na visão do romancista, uma atenção primária aos espaços da vida nas fábricas, aos movimentos operários e às suas ações. Não obstante, a pura comoção à miséria não era suficiente, já que a literatura proletária deveria estar fincada na efervescência de um pressuposto revolucionário que instigasse o leitor a fazer-se “inimigo da outra classe”. Amado realiza esse movimento em *Suor* e *Capitães da Areia*, romances nos quais é pela permanência do aspecto da greve e da nudez de todo o sentimento de opressão dos personagens que se efetiva a instigação revolucionária pontuada pelo autor. Em *Suor*, a sublevação dos moradores do nº 68, como multidão disforme e raivosa que transpassa os



Altair Santa Clara de Oliveira Neto

“Homem igual mulher, pior que uma mulher”:
escrita das masculinidades na literatura de Jorge Amado

limites do cenário de miserabilidade e escoa pela cidade, faz transparecer ao mesmo tempo a percepção quanto ao pressuposto que deveria conduzir a revolta, a panfletagem política:

Talvez fosse o sabor da novidade que fizesse o 68 se precipitar pela escada esmagando os ratos que fugiam espantados. Homens e mulheres se juntaram à multidão que enchia a Ladeira do Pelourinho para protestar contra a prisão dos operários. Braços que se levantavam. Os cotocos de Artur e os braços negros de Henrique. A surda-muda que andava de um lado para outro, se divertia imensamente. A multidão se balançando como açoitada pelo vento. A voz de Julieta:

– Ladrões! Ladrões!

A multidão apoiava em berros. Trepado num caixão, o cabelo despenteado, Álvaro Lima falava:

– ... nossos camaradas presos e espancados...

Jogaram manifestos. Moças nas janelas. Parecia até uma festa (Amado, 2011, p. 131-132).

É marcante, nos romances amadianos deste período, uma mobilização de teses centrais dos projetos ideológicos das leituras marxistas. Evidenciam-se em ambos os romances nuances das relações entre a ideologia político-partidária e a literatura. Sua militância não é o único fator de leitura de seus romances, obviamente, mas possibilita novas camadas de análise das redes discursivas pelas quais o autor transitou no decorrer de sua inserção partidária. A partir das construções das personagens amadianas, é possível sondar as leituras matizadas de Amado sobre o processo, tomando como base os preceitos de proletarização e de tomada de consciência de classe, além da maneira pela qual esses pressupostos também organizam as subjetividades do enredo.

Em *Suor*, todo o enredo é construído para exposição das mazelas do operariado urbano. Construindo um cenário de multiplicidade de sujeitos, Amado insere inúmeras vezes os elementos panfletários e conscientizadores que fomentam nos moradores do sobrado o sentimento de revolta (Amado, 2011, p. 20; p. 26; p. 131; p. 132; p. 133). Ao passo que, em um primeiro momento os moradores do nº 68 tem receio dos sujeitos que panfletavam em frente às fábricas e nos cais do porto, a aproximação com os discursos de opressão e sofrimento iniciam o movimento de conscientização:

No princípio, também levavam à conta de diversão os discursos que rapazes de barba por fazer pronunciavam às portas das fábricas e no cais do porto. Desconfiavam dos rapazes, como desconfiavam dos cabos eleitorais que os alistavam para votar nos candidatos do governo para deputado. Mas, quando operários começaram a dizer ‘camaradas’ e a contar sua vida, os seus sofrimentos, as suas explorações, eles prestavam mais atenção. E agora ouviam atentos. Não era mais diversão aquele grito:

– Proletários de todos os países, uni-vos!



Grito que poderia levá-los à cadeia, fazer com que os surrassem e deportassem, mas que poderia rebentar as cadeias, acabar com as surras e com as deportações (Amado, 2011, p. 52-53).

O acompanhamento do cotidiano de figuras como Dona Risoleta e Linda, no interior do sobrado do Taboão, são chaves para o vislumbre de todo um ambiente de trabalho, no caso delas imerso na monotonia do ruído da máquina de costura (Amado, 2011, p. 14). As fofocas cotidianas, os vislumbres políticos entre anarquismo e socialismo, os entraves religiosos, mas sobretudo a gama de odores e sensações, constroem um lumpemproletariado que convive com os militantes da causa operária e que tem ao longo do enredo todo um trajeto de reconhecimento de sua condição marginal, ponto de fervilhamento do ódio à situação de exploração perpetuada pela burguesia. Diante desse cenário, toma-se como medida a construção do personagem Álvaro Lima, um dos militantes apresentados no enredo. Responsável por articular bem o caráter pedagógico da obra de um projeto militante partidário comunista, suas falas retomam os preceitos chave das obras de Marx e fomentam a visão de uma revolução que só pode provir do meio operário, da fábrica. Essa estética revolucionária, circunscrita à disciplina do partido, é endossada veementemente ao longo do enredo:

Álvaro Lima se levantou e falou:

– Camaradas! É preciso acabar com as explorações. Nós somos muitos, pobres, sujos, sem comida, sem casa, morando nesses quartos miseráveis. Explorados pelos ricos, que são poucos... É preciso que todos nós nos unamos, para nos defender... Para a revolução dos operários.. É preciso que os operários se juntem em torno do seu partido, para acabar com as explorações... com os governos podres e ladrões... Fazer um governo de operários e camponeses... (Amado, 2011, p. 62).

A relação de Linda e Álvaro Lima, já citada, é igualmente pertinente para análise da figura do militante engajado como suporte para o processo de conscientização. Antes muito preocupada em encontrar um marido rico e escapar da situação de pobreza, são os intercursos pelas situações de marginalização que igualmente trazem a personagem para a realidade da opressão capitalista. A partir de determinado momento, até mesmo Dona Risoleta, de quem Linda era afilhada, percebe a mudança da garota (Amado, 2011, p. 80). Inserindo-se no ambiente de engajamento e concretizando sua consciência de classe, Linda começa a mobilizar os preceitos caros à militância, como a solidariedade entre aqueles que igualmente estão sob a situação de opressão:

Nunca mais Linda sonhou com casamentos. Nunca mais foi à igreja. E começou a trabalhar com o propagandista, calada, séria, sentindo-se irmã de toda aquela gente

que morava no 68, operários, árabes, vagabundos, doentes, costureiras, prostitutas (Amado, 2011, p. 80).

Antes tida como uma “garotinha preguiçosa”, ao ler a teoria marxista e engajar-se, pelo suporte oferecido por Lima, na greve, completa seu arco no livro que desvela o trabalho de Amado em produzir um romance panfletário, ao mesmo tempo que se põe como artefato pedagógico para o público leitor. A obra é finalizada com a escolha da personagem em engajar-se no espalhamento das teses revolucionárias:

Um dia, quando já chegara o inverno com suas chuvas longas e seu vento frio, inverno de noites compridas (no cortiço um cachorro uivava dolorosamente, gatos em cio miavam no telhado do sótão), Linda se encontrou na escada com a moça de azul, que ainda trajava o mesmo vestido mas não trazia no rosto sinais de choro. Parou em frente de Linda e disse:

— Desculpe, mas eu estou tão contente... Calcule que vou me casar com meu patrão... A alta sociedade... Me desculpe, mas preciso dizer a alguém... Lhe desejo uma felicidade igual.

Linda olhou-a nos olhos com suavidade, apertou com o braço o embrulho de manifestos que levava embaixo do capote e desceu a escada onde os ratos indiferentes iam e vinham apostando carreira (Amado, 2011, p. 132-133).

Se em *Suor* Álvaro Lima é o suporte para a inserção de Linda no ambiente militante, em *Capitães da Areia* quem desempenha papel semelhante é João de Adão. Tido como antigo grevista, fumante de cachimbo e de músculos que saltavam sob a camisa (Amado, 2009, p. 82), o personagem é importante para relembrar a Pedro Bala o caráter quase “genético” que o líder dos capitães tem com a greve. Sendo Bala um dos poucos personagens com o passado explorado, através de João de Adão faz-se conhecer o tempo grevista do pai do menino, tal como seu assassinato no cenário da greve. João é também um ponto de acolhimento, uma vez que mantém abertas as portas para Bala caso o garoto assim desejasse.

João de Adão perguntou:

— Tu te lembra de Raimundo, comadre Luísa?

— O ‘Loiro’, que morreu na greve? Como não me lembro? Era um que toda tarde vinha dar dois dedo de prosa comigo, gostava de tirar pilhéria...

— Mataram ele bem aqui, naquele dia que a cavalaria atropelou a gente. — Olhou para Pedro Bala. — Tu nunca ouviu falar nele, capitão?

— Não.

— Tu tinha uns quatro anos. Depois disso tu andou um ano da casa de um pra casa de outro até que tu fugiu. Depois a gente só veio saber de tu quando tu já era chefe dos Capitães da Areia. Mas a gente sabia que tu havia de te arranjar. Quantos anos tu tem agora?

Pedro ficou fazendo cálculos e o próprio João de Adão interrompeu.

— Tu tá com uns quinze anos. Não é, comadre?

A negra fez que sim. João de Adão continuou:

— No dia que tu quiser tu tem um lugar aqui nas docas. A gente tem um lugar guardado pra tu.

— Por quê? — perguntou Boa-Vida, já que Pedro apenas olhava espantado.



Altair Santa Clara de Oliveira Neto

*“Homem igual mulher, pior que uma mulher”:
escrita das masculinidades na literatura de Jorge Amado*

— Porque o pai dele era Raimundo e morreu foi aqui mesmo lutando pela gente, pelo direito da gente. Era um homem e tanto. Valia dez destes que a gente encontra por aí.

— Meu pai? — fez Pedro Bala, que daquelas histórias só conhecia vagos rumores.

— Teu pai, era. A gente chamava ele de Loiro. Quando foi da greve fazia discurso pra gente, nem parecia um estivador. Foi pegado por uma bala. Mas tem um lugar pra tu nas docas.

Pedro Bala riscava o asfalto com um graveto. Olhou João de Adão:

— Por que tu nunca me contou isso?

— Tu era pequeno para entender. Agora tu tá ficando um homem — e riu com satisfação.

Pedro Bala riu também. Estava contente de saber a história de seu pai, porque ele tinha sido um homem valente (Amado, 2009, p. 83-84).

O caminho de Pedro Bala então, paralelo ao de Linda, encontra no processo de tomada de consciência de classe o último arco do personagem. No momento em que João de Adão narra o passado grevista de seu pai, Bala entende que seu caminho é igualmente engajar-se em atitude grevista, a qual encontra grande receptividade no menino, pelos valores e virtudes que são assumidos pela ação (Amado, 2009, p. 84-85). A finalização do livro é ainda mais marcante por expor que a escolha de Bala realmente é posta em prática, tornando o personagem líder grevista. Poeticamente, Amado faz entrever na revolução a verdadeira pátria e família (Amado, 2009, p. 262).

A questão da trajetória política e da interpretação amadiana do cenário da militância perpassam, certamente, o âmbito partidário. As associações de artistas e literatos à militância foram, portanto, entrecortadas pelos elementos discursivos provenientes do cenário político-ideológico, o que proporcionaria um novo mecanismo de aproximação da prática artística. Pode-se evidenciar, tomando a trajetória de Amado como campo de análise, algumas transformações que conversam com tal cenário. As múltiplas correlações do autor com o cenário propriamente “realístico” de seus enredos servem como chave para problematização de sua própria leitura do trabalho literário sob os moldes partidários. Obviamente, a inserção do escritor em um cenário de “realidade” que deve ser transposto para o universo literário não era apenas pautado pelas leituras marxistas do trabalho artístico, sendo reforçada por outras correntes, até mesmo antagônicas. Ao mesmo tempo, pela análise dos enredos dos romances, percebendo a trajetória de personagens como Linda, Álvaro Lima e Pedro Bala, podemos tecer paralelos com os discursos político-ideológicos que adquiriram, no contexto de formulações dos romances proletários, alguma preponderância.



Assim, o caso de Jorge Amado, como militante junto ao PCB, que ao mesmo tempo recepcionava as exigências partidárias, mas não estava totalmente disciplinado por elas, é pertinente, dentro da plasticidade do termo *romance proletário*, para enquadrar um tipo de formulação acerca da literatura proletária no Brasil. O papel do sujeito revolucionário, em seu texto literário, é veementemente elevado, assim como se dá o foco na sua trajetória de tomada de consciência. Se atentarmos para o que o escritor diz sobre a constituição de seus heróis, como “sempre tendo algo a ver com ele” (Raillard, 1992, p. 47), podemos problematizar a construção dos discursos amadianos sobre revolução, sujeito e identidade que transpassam suas obras. A bravura e a força criam uma estética revolucionária pautada no embate, na valorização dos trabalhos manuais e formulam um espaço majoritariamente masculino. Ana Antunes (2009), por exemplo, problematiza, via a construção das personagens homossexuais e os caracteres atribuídos à homossexualidade no interior das personagens amadianas, as notáveis oposições ao cenário enquadrado para o militante revolucionário. A autora percebe o enquadramento da homossexualidade em Amado via centralidade de um discurso heterossexual, coadunando uma discussão moral ao escritor seguidor dos preceitos stalinistas que apregoavam, como outros saberes médicos, psiquiátricos e jurídicos, à homossexualidade caráter de crime ou perversão. Em consonância com Antunes (2009), percebemos a inserção dos personagens homossexuais em caráter ainda mais marginal no interior do texto amadiano e procuramos estabelecer de que maneira eles funcionam como estabilizadores das masculinidades dos enredos do escritor. Notando o critério da sexualidade, indagamos a maneira pela qual a inclusão das descrições de “relações homoafetivas” são conectadas por Amado à situação de marginalização. A passividade, nesse cenário, tida como pederastia e degeneração, seria “solucionada” no momento de concretização da “verdadeira revolução”, provinda das fábricas. Esses trânsitos compõem o horizonte das torções literárias de Amado e operacionalizam valores fulcrais dentro da visão do autor da masculinidade revolucionária.

Invertidos e perversos: os xibungos amadianos

Tanto em *Suor* como em *Capitães da Areia*, há a inserção de personagens enquadradas dentro daquilo que se entende no enredo como “pederastia”. Medonho, Franz e Ângelo, em *Suor*, são personagens descritos como sujeitos transpassados por alguma relação homoerótica inerente ao perverso. Ângelo é um dos personagens sobre o qual recai a visão negativa

acerca da conduta feminina. A narrativa perpassa as memórias de um dos habitantes do sobrado, Henrique, que em conversa com outros personagens relembra alguns momentos de sua infância de “negro liberto”. Henrique tinha, como uma de suas memórias, as vaias que haviam dado em Ângelo, o gordo vizinho do sobrado amarelo (Amado, 2011, p. 27), de quem hoje sentia pena (Amado, 2011, p. 28).

A construção da própria masculinidade de Henrique é posta em comparativo à de Ângelo. Submisso à mulher, passivo em suas ações, Ângelo é o sujeito digno de pena e riso, enquanto Henrique, muito embora em uma situação de miserabilidade, constitui-se moral e valorativamente superior ao comerciante. As memórias prosseguem com a exposição do cenário de encontro da infância dos dois personagens. Filho de um comerciante rico, Ângelo é descrito por Henrique como gordo e bonachão (Amado, 2011, p. 28). Imediatamente associado à delicadeza de uma “mulher rica”, é posto como contraponto ao adiantamento sexual de outros meninos da rua, os quais viviam para espiar os “peitos das negras” e ver “[...] preta mijar nuns terrenos baldios da Baixa dos Sapateiros” (Amado, 2011, p. 28). O único ato de coragem atribuído ao personagem é quando este tenta interpor-se entre a ação de espionagem dos outros meninos, tendo como resultado apenas mais um rechaço moral, uma constatação de que ele não seria homem por “ouvirem que ele dá” (Amado, 2011, p. 28).

Não menos importante é a figura de Franz, apresentado no capítulo “Sexo”, um alemão que fora sacristão em um convento e que se relacionava esporadicamente com outros homens, por vezes mediante pagamento. O alemão, tal como Ângelo, é associado a uma classe maior, ou pelo menos não entendida como a miserável dos habitantes do nº 68, ganhando bem com aulas de piano. Sendo caracterizado como um homem que não era presa fácil, aproximava-se de afetos mais românticos, apegado às carícias dos encontros, à entrega a um só amado e ao choro quando abandonado (Amado, 2011, p. 44). As preferências de Franz demonstram uma certa “sensibilidade” do personagem. Sua postura é contraposta aos outros homens do sobrado, os quais não estavam dispostos a “se amigar” com outro homem, mas poderiam fazer sexo com alguns deles, penetrá-los, via de regra, quando tinham “fome” de mulheres (Amado, 2011, p. 44-45).

Mas o capítulo ainda aborda outra figura aproximada dos ambientes homoeróticos. Medonho, um vendedor de frutas, é descrito como um sujeito “mais liberal” (Amado, 2011, p. 45). O enredo expõe que o quarto de Medonho, a depender do horário, estava sempre

aberto àqueles homens que não tinham dinheiro para pagar uma prostituta. Em contraponto às sutilezas de Franz, Medonho tido como “porco e feio, beiços grossos e nariz chato”, oferecia feijoada e pinga aos seus admiradores e não cobrava nem dava dinheiro após as relações (Amado, 2011, p. 45). A posição bruta na qual Medonho se encontra é colocada em paralelo com critérios de violência contemplados dentro de uma noção de *masculinidade viril*. A constituição, no enredo, desses pressupostos é posta em prática por Amado pelo rechaço do personagem às atitudes femininas de Franz, digno de zombarias concatenadas pela expressão “xibungo”:

Talvez por tudo isso, quando Medonho passava com o seu tabuleiro de frutas (tinha freguesia certa e boa), os homens sentados à porta do 68 nada diziam, não faziam pilhérias. Se era, porém, o alemão quem passava, vestido de casimira azul, terno velho, mas limpo, eles assobiavam e gritavam:
 – Xibungo! Xibungo! (Amado, 2011, p. 45).

A posição anômala de Franz é aqui percebida por meio do processo de hierarquização entre essas masculinidades que se configuram pela oposição entre atividade e passividade no ato sexual (Parker, 1991, p. 73). A anormalidade de Franz, sua inversão e perversão, dentro de um sistema discursivo que põe tanta ênfase no binarismo de sexo e gênero, caracteriza esse intercurso anal passivo como processo de “efeminação” configurador da monstruosidade do sujeito, a qual pode ser igualmente percebida pelo estabelecimento de uma linha causal entre sexo biológico e gênero culturalmente construídos, modulando as práticas sexuais (Butler, 2003, p. 37-48).

Em *Capitães da Areia* não são poucos os momentos em que a ativação do xibungo se dá de modo a reorganizar as relações. Pedro Bala, enquanto protagonista e líder do grupo de meninos, está sempre atento à expulsão dos passivos dado seu viés imoral:

Pedro Bala acordou com um ruído perto de si. Dormia de bruços e olhou por baixo dos braços. Viu que um menino se levantava e se aproximava cautelosamente do canto de Pirulito. Pedro Bala, no meio do sono em que estava, pensou, a princípio, que se tratasse de um caso de pederastia. E ficou atento para expulsar o passivo do grupo, pois uma das leis do grupo era que não admitiriam pederastas passivos. Mas acordou completamente e logo recordou que era impossível, pois Pirulito não era destas coisas. Devia se tratar de furto. Realmente o garoto já abria o baú de Pirulito. Pedro Bala se atirou em cima dele. A luta foi rápida. Pirulito acordou, mas os demais dormiam.
 — Tu tá roubando um companheiro?
 O outro ficou calado, coçando o queixo ferido. Pedro Bala continuou:
 — Amanhã tu vai embora... Não quero mais tu com a gente. Vai ficar com a gente de Ezequiel, que vive roubando uns dos outros (Amado, 2009, p. 45).

Um outro momento, talvez mais impactante, é o caso entre Boa-Vida e Gato. Gato é introduzido como “o elegante do grupo”, alvo e rosado. Tendo mais de treze anos, sua trajetória anterior ao ingresso nos capitães é feita em outro grupo, os “Índios Maloqueiros”, que viviam sob as pontes de Aracaju. Sua inserção no grupo de meninos de Salvador é bem vista, em especial, por Boa-Vida, “mulato troncado e feio”, que oferece a Gato cigarros e parte de seu próprio jantar. O enredo deixa a entender que Gato conhecia previamente os desejos implícitos de Boa-Vida em sua boa receptividade, o que será explicitado à frente com a descrição de uma tentativa de aproximação sexual:

Boa-Vida achava-o decididamente lindo. O Gato tinha um ar petulante e embora não fosse uma beleza efeminada, agradava a Boa-Vida, que, além de tudo, não tinha muita sorte com mulheres, pois aparentava muito menos que treze anos, baixo e acachapado. O Gato era alto e sobre os seus lábios de catorze anos começava a surgir uma penugem de bigode que ele cultivava. Boa-Vida naquele momento o amou com certeza, porque disse:

— Tu pode ficar com eles... Eu te dou minha parte.

— Tá certo. Fico te devendo.

Boa-Vida quis aproveitar os agradecimentos do outro para iniciar sua conquista. E baixou a mão pelas coxas do Gato, que se esquivou só com o jogo do corpo. O Gato riu consigo mesmo e não disse nada. Boa-Vida achou que não devia insistir, senão era capaz de espantar o menino. Ele não sabia nada do Gato e nem imaginava que este conhecia seu jogo (Amado, 2009, p. 38-39).

Após ter reconhecido o afastamento de Gato na primeira tentativa de aproximação, ambos os meninos andaram juntos por parte da noite, vendo a iluminação da cidade. Retornando ao Trapiche, Boa-Vida mostrou Gato a Pedro Bala e, posteriormente, ambos foram para o lugar onde dormiriam. Boa-Vida oferece a Gato o seu lençol, para que dividissem. Nesse momento, Boa-Vida, assim como Medonho, não consegue controlar o ímpeto carnal:

Gato deitou. Boa-Vida se estendeu ao lado. Quando pensou que o outro estava dormindo o abraçou com uma mão e com a outra começou a puxar-lhe as calças devagarinho. Num minuto o Gato estava de pé:

— Tu te enganou, mulato. Eu sou é homem.

Mas Boa-Vida já não via nada, só via seu desejo, a vontade que tinha do corpo alvo do Gato, de enrolar o rosto nos cabelos morenos do Gato, de apalpar as carnes duras das coxas do Gato. E se atirou em cima dele com intenção de derrubá-lo e forçá-lo. Mas o Gato desviou o corpo, passou-lhe a perna, Boa-Vida se estendeu de nariz. Já tinha se formado um grupo em torno. O Gato disse:

— Ele pensava que eu era maricas. Tu te faz de besta.

Arrancou com o lençol de Boa-Vida para outro canto e dormiu (Amado, 2009, p. 39).

Percebe-se, pelo dito, um certo passado e um não ineditismo na ação de Boa-Vida em molestar outros meninos do grupo, aqueles que lhe agradam. Há também, ao que parece, uma



predileção de Boa-Vida pela relação com outros meninos, demonstrando seu interesse nos aspectos “viris” apresentados por Gato. Há ainda toda uma naturalidade com que a cena é recebida entre os capitães, uma vez que ao caracterizar-se como o agressor, Boa-Vida não sofre necessariamente nenhuma represália maior, não sendo acusado de xibungo. Quem sabe isso não tenha a ver com a trajetória de recuperação ou “regeneração” posta no momento de reativação dos laços com Gato. É ainda marcante o fato de que é dito que, agora, Gato oferecia suas próprias “pequenas” para Boa-Vida, que antes inclinava-se às relações homossexuais por não conseguir ser bem sucedido com as meninas.

A complexidade das relações estabelecidas pontua uma perspectiva possível sobre a construção das masculinidades amadianas transpassadas por múltiplos discursos sobre a sexualidade. Ainda que Amado não associe seus personagens às leituras científicas, médicas, psicológicas e jurídicas da homossexualidade de sua época, não deixa de ser pertinente inquirir sobre a maneira como os discursos perpassam a obra de um autor que tão insistentemente conectou sua ficção à realidade. A inserção da homossexualidade em seus romances é aqui perpassada então pelos discursos de construção histórico-social. Peter Fry (1985, p. 10) é relevante para pensar esse tensionamento, notando como não se pode alcançar uma verdade absoluta sobre o sujeito homossexual, suas relações sexuais e afetivas, mas deve-se inserir o debate dentro de um amplo estudo cultural e político. Tensionando as diferentes modulações das masculinidades e feminilidades dentro das relações homossexuais masculinas, o autor pontua as disparidades de significados dentro de um esquema simbólico a depender da região e da sociedade, assim não generalizando as acepções para todo o território brasileiro (Fry, 1985, p. 41). Ao problematizar uma noção de Brasil “popular”, o qual pode muito bem ser associado ao contexto produtivo da literatura amadiana, um Brasil de “homens, mulheres, putas e bichas”, Fry (1985, p. 41) entende que a definição da performance da “bicha” está diretamente associada a uma efeminação e desempenho sexual passivo, enquanto que o “machão” voltar-se-ia para o papel ativo, portanto, verdadeiramente “masculino”.

A homossexualidade na literatura, dessa maneira, era transposta por denúncias e acusações de imoralidade e pornografia. O caso do Brasil, apontado por James Green (1999), estabelece uma complexa camada de abordagens que maquinaram a constituição da imagética negativa da figura do homossexual. As aversões morais e religiosas acerca do erotismo de



pessoas do mesmo sexo, a literatura médica e psicológica que entendia a homossexualidade como desvio mental ou distúrbio psicológico, os aparatos jurídicos que versavam sobre os crimes da vagabundagem (nos quais enquadravam a chamada “sodomia”) nos códigos penais da Primeira República (Green, 1999, p. 67-94). Todos esses enredamentos concatenaram os discursos sobre a homossexualidade que serviram de propulsores para uma série de desqualificações e sistemas de opressão, integrantes de um dispositivo de sexualidade.

Michel Foucault (2022), em seu primeiro volume da *História da Sexualidade*, distanciando-se da noção de uma hipótese repressiva do componente da sexualidade, entende que houve, a partir do século XVII, não um processo de silenciamento dos dizeres sobre o sexo, mas um processo de “fermentação discursiva” engendrada sobre a temática da sexualidade (Foucault, 2022, p. 16). O sexo, portanto, é perpassado, na sociedade ocidental, por disparidades de discursos que centram o sujeito e definem sua identidade no desejo, ao mesmo tempo que circundam critérios mais próprios de normalidade e anormalidade. As novas especificações dos indivíduos incorporam, segundo Foucault, formas de perversões incutidas para formulação de toda uma morfologia e anatomia dos sujeitos. Os homossexuais, a partir do século XIX, transformados em personagens, não poderiam estar alheios à sua sexualidade como natureza singular da qual todas as suas condutas e princípios lhe são subjacentes, mas, configurando-se como “espécies”, são perpassados pelos mecanismos de poder e produção de saberes médicos e psicanalíticos (Foucault, 2022, p. 48-49). A literatura, entendida aqui como mais um instrumento discursivo sobre a sexualidade, como já apontado, serviu como aporte para os sistemas de especificações dos sujeitos. E Jorge Amado estabelece na sexualidade um dos componentes principais de formação dos sujeitos de seus romances.

A construção da masculinidade e o rechaço às suas aproximações com critérios de feminilidade são percebidos dentro de ambos os enredos analisados neste trabalho. As leituras de Richard Parker (1991), em seus estudos antropológicos da cultura sexual brasileira, dialogam com essas noções de violência e inferioridade, dominação e submissão, apontando para a estruturação desse universo sexual que se compõe por meio do constante enfrentamento entre o penetrador, que consome suas/eus parceiras/os, e os sujeitos oferecidos para passivamente serem penetrados e possuídos. O xibungo amadiano é refletido nos termos do homossexual efemidado, tal como a “bicha”, o “desviado”, o “desmunhecado”,



constituindo uma imagem do homossexual passivo em contraste com a masculinidade heterocentrada brasileira (Green, 2019, p. 156).

Concomitantemente, ao passo que o passivo assume sua “posição inferior”, o parceiro que performa o papel “masculino” efetivamente se conecta ao “homem” e ao “machão” (Fry, 1985, p. 43), caso exemplificado por Medonho no enredo do romance. O personagem é ainda pertinente aos nuances observados na obra amadiana de redes discursivas maiores, sobretudo nos aspectos de componentes de raça e sexualidade como constituintes principais de uma identidade nacional e de um sujeito brasileiro imerso na sensualidade. A ligação entre Amado e Gilberto Freyre, o qual, segundo o escritor, teria desempenhado em *Casa Grande & Senzala* o grande papel de falar ao máximo da identidade e da formação da nação brasileira, em um livro que é fundamental para nossa vida (Raillard, 1992, p. 94-95), engendra um aspecto maior de problematização nos componentes da sexualidade e da racialidade. Na obra de Freyre (1994, p. 93), a “intoxicação sexual” é escancarada nos despudores dos habitantes do nº 68, em especial nos repetidos enquadramentos de uma *depravação negra* (Freyre, 1994, p. 315-316) e em uma exacerbação físico-genital antes de uma completude intelectual. A mobilização de tais critérios é constituidora de uma performance negra ao decorrer do enredo, explicitada por Medonho, em muitas instâncias depravado naturalmente como sujeito.

A inserção estigmatizada da homossexualidade reposiciona, todavia, na leitura amadiana, uma harmonia que se deve fazer a fim de possibilitar a unidade nacional e a coesão na luta contra o capital. Tais aspectos não apenas se debruçam sobre a constituição das masculinidades, mas são entrecruzadas pelos pressupostos de raça muito mobilizados pelo escritor para a modulação de uma democracia racial. A relação entre Freyre e Amado, nesse sentido, é notável, sendo possibilitadora de problematizações de leitura dessas duas figuras preponderantes na intelectualidade nacional. Por tal motivo, o tópico seguinte abordará as leituras mais aproximadas entre os dois e de que maneira seus trânsitos permitem, através do arcabouço crítico proposto por intelectuais e feministas negras, discutir conceitos como *democracia racial e harmonia entre as raças*.

Racialidade e sexualidade na constituição das masculinidades amadianas

Não é um estudo inédito pensar na centralidade que os componentes de sexo e raça engendraram nas escritas de formação do Brasil. As produções históricas, sociológicas e



antropológicas, enquanto lugares de possibilidades de legitimação e constituição de um discurso unificador e de coesão da identidade nacional, estiveram inseridas nessa complexa maquinaria. Junto de Margareth Rago (2006), é possível entrever como a tarefa de se pensar futuros possíveis para as superações dos obstáculos de desenvolvimento social e econômico encontrou, via marcação dos traços de uma cultura brasileira, os pressupostos da essência de seu povo, ou seja, o olhar para o passado constitui a produção de saberes históricos e científicos em vista de explicar: Que país é este? (Rago, 2006, p. 59).

Não é em igual medida recente os embates entre as leituras raciais eugênicas e negativas da miscigenação brasileira e a introdução “positiva” do componente da cultura, sobretudo nos reordenamentos dos pressupostos de democracia racial e harmonia de raças. Essa segunda interpretação de uma realidade brasileira, aliada à ideia de uma identidade nacional, não deixaria de mobilizar cultura, raça e nação para pensar a constituição de uma dimensão explicativa para um país sem pecados, de excessos, local no qual a dimensão sexual ilimitada produz uma imagem muito própria de brasilidade sensual e permissiva:

Contudo, hoje, o que mais me chama a atenção [...] é a maneira pela qual é construída uma interpretação da realidade brasileira e, portanto, uma ideia da identidade nacional. É basicamente em torno da dimensão sexual que se produz a referência maior das características que explicam o povo brasileiro, sua índole e sua vocação [...] inclusive no da violência e a imagem da sexualidade-tropical-do-sul-do-Ecuador não deixa de ser muito estimulada pela indústria do turismo, na exportação das mulatas sensuais, do samba, do carnaval, do tchan e de tudo aquilo que conhecemos muito bem como o imaginário do Brasil Tropical, onde não há limites, só excessos e onde não se conhece o pecado (Rago, 2006, p. 61).

O entendimento do sujeito em Amado, tal como os múltiplos reordenamentos possibilitados pelo autor quanto aos critérios de masculinidades e feminilidades, são muito efetivamente entrecruzados pelos componentes da raça e da sexualidade. No decorrer deste estudo, pontuamos a maneira como as relações entre Jorge Amado e a racialidade constituíram, no interior de seus romances, algumas performances paradoxais e de reafirmação do negro como caracterizado pela força bruta e violência. Ao mesmo tempo, como membro imprescindível ao projeto de mestiçagem amadiano, as figuras racializadas possibilitam a sondagem da organização do escritor dos pressupostos de *democracia racial e harmonia entre as raças*. Tais noções não podem ser distanciadas da relação estabelecida entre a literatura de Amado e os trabalhos sociológicos de Gilberto Freyre, que representam na década de 1930 um ponto focal nas formulações do sujeito e da identidade nacional.



Freyre, antes de perceber a mistura das três raças como princípio de degeneração da realidade brasileira, observa a miscigenação como aspecto positivo, marca de uma “democracia racial” que constitui um sujeito nacional pelos componentes de cordialidade, tolerância, leveza e pelos instintos corporais (Rago, 2006, p. 67). É marcante nesse cenário a descrição de Freyre de um ambiente primitivo colonial “intoxicado” pelo componente sexual:

O ambiente em que começou a vida brasileira foi de quase intoxicação sexual. O europeu saltava em terra escorregando em índia nua; os próprios padres da Companhia precisavam descer com cuidado, senão atolavam o pé em carne. Muitos clérigos, dos outros, deixaram-se contaminar pela devassidão. As mulheres eram as primeiras a se entregarem aos brancos, as mais ardentes indo esfregar-se nas pernas desses que supunham deuses. Davam-se ao europeu por um pente ou um caco de espelho (Freyre, 2003, p. 182).

Ele entende ainda a maneira pela qual a aproximação entre as raças alia-se ao impulso sexual, principalmente português, que segundo o autor seria pouco resistente à diferença étnica (Freyre, 2003, p. 189). A utilização da mulher indígena no discurso freyriano, caracterizada pelo caráter predatório em relação ao homem branco, demonstra a maneira como o sociólogo constitui o componente da devassidão e dos impulsos sexuais. Como aponta Nádia Nogueira (2000, p. 28), a sexualidade exaltada da mulher indígena, nos discursos de Freyre, imerso em produções misóginas e falocêntricas, possibilitaram sua construção por caracteres frágeis de não resistência às tentações libidinosas. Como argumenta Rago (2006, p. 68), percebe-se que o trabalho historiográfico de Freyre toma como certas as documentações utilizadas para construção da índole do povo brasileiro, criando uma atmosfera de silenciosidade permitida pelas “caboclas priápicas”, em uma tirada, como bem expõe Rago, bastante misógina. Em consonância, Nogueira (2000, p. 31) explicita como as pontuadas críticas de Gilberto Freyre às teses médicas e teorias raciais e eugênicas de sua época incorporaram em seus argumentos os mesmos dispositivos, possibilitando pela sua leitura uma afirmação, por exemplo, da promiscuidade das mulheres indígenas. Mas, o que se evidencia primordialmente dos aspectos apresentados é a maneira como Freyre tece o elemento da mistura racial como pressuposto unificador primeiro, incutido fundamentalmente na alma brasileira (Parker, 1991, p. 43). Como expõe Parker (1991, p. 46), é através da intoxicação sexual que se instala a relação de integração completa entre, primeiro o português e o ameríndio e, posteriormente, entre eles e o africano, definindo por conseguinte a natureza única de sua realidade nacional.



Por outro lado, as mobilizações de Amado do componente da raça foram possibilitadoras da encarnação do negro como duplamente oprimido, pela condição étnica e social (Rossi, 2016, p. 161). O que se percebe é a maneira pela qual as resoluções dos conflitos de ambas as situações de opressão são alinhavadas à resolução maior do conflito de classe. A constituição das aproximações entre raça e classe possibilitaram a Amado a constituição de um sujeito unificado sob o seu entendimento de indivíduo oprimido pelo capital, a síntese do difuso proletariado brasileiro que dava corpo à sua literatura. As modulações desse sujeito, conforme temos apresentado, são alinhavadas aos reordenamentos das masculinidades, feminilidades e suas múltiplas conexões com o cenário de entendimento da militância política e da organização e produção dos discursos político-ideológicos e literários da década de 1930. Não é menos notável a maneira pela qual a constituição desse sujeito nacional (brasileiro) foi base para as formulações do projeto de identidade nacional do autor.

Se por um lado, os autores não aliam-se necessariamente dentro de uma mesma visão político-ideológica, por outro, ambos esforçaram-se para viabilizar a constituição de um sujeito e de uma identidade brasileira atenta às multiplicidades do cenário nacional (Dimas, 2015, p. 128). É ainda marcante a maneira pela qual se estabelece a ligação entre Amado e Freyre no âmbito da organização literária, objeto guia para o escritor baiano em sua mobilização de uma escrita regionalista (Goldstein, 2019, p. 97). Diante disso, não podemos deixar de notar a maneira pela qual o componente de raça é entendido por Amado e atua fundamentalmente na própria reorganização dos enredos de suas obras.

Em *Suor*, o cenário amplo do Sobrado é profícuo para o estabelecimento do quadro de depravação e despudor. Amado elenca em muitos momentos o adiantamento sexual dos “molecotes”, dos “pretinhos sujinhos” e dos “mulatinhos safados” (Amado, 2011, p. 27). A figura do negro Henrique atua como mais um dos personagens que constituem sua masculinidade pela virilidade e pela atuação e atividade sexual. Na parte três do capítulo *Balada*, o personagem relembra a infância e da primeira vez que havia visto “uma preta mijar”. A descrição crua com a qual Amado elenca a observação do menino do cenário sexual explicita a forma como entende todo o cenário de permissividade sexual que modula o sujeito e a identidade do brasileiro (Amado, 2011, p. 29-30). Ainda é marcante a possibilidade de sondagem da indecisão da sexualidade percebida pela formação miscigenada do sujeito

brasileiro. Em Amado, relembramos a já elencada descrição de Boa-Vida, em *Capitães da Areia*, o qual elabora sua performance pelos meandros de uma sexualidade pautada na elevação do desejo, no descontrole e na perversão. O entendimento de uma certa “bissexualidade” de Boa-Vida, lida pelo descontrole do apetite sexual que não distingue homem e mulher, pode encontrar paralelos na leitura freyriana da formação do sujeito pela indecisão proporcionada pela mistura de raças, na particularidade da colonização portuguesa:

A indecisão étnica e cultural entre a Europa e a África parece ter sido sempre a mesma em Portugal como em outros trechos da Península. Espécie de bicontinentalidade que correspondesse em população assim vaga e incerta à bissexualidade no indivíduo [...] O que se sente em todo esse desadorno de antagonismos são as duas culturas, a européia e a africana, a católica e a maometana, a dinâmica e a fatalista encontrando-se no português, fazendo dele, de sua vida, de sua moral, de sua economia, de sua arte um regime de influências que se alternam, se equilibram ou se hostilizam. Tornando em conta tais antagonismos de cultura, a flexibilidade, a indecisão, o equilíbrio ou a desarmonia deles resultantes, é que bem se compreende o especialíssimo caráter que tomou a colonização do Brasil, a formação *sui generis* da sociedade brasileira, igualmente equilibrada nos seus começos e ainda hoje sobre antagonismos (Freyre, 2003, p. 81-82).

Pedro Bala também corrobora para uma manutenção de tal pressuposto quando sente crescer dentro de si o “desejo do homem pelas carícias de uma mulher”. Em uma cena do enredo, Bala observa uma “negrinha bem jovem”, próxima de sua idade, na qual, põe o narrador, os “[...] seios saltavam pontiagudos e as nádegas rolavam no vestido, porque os negros mesmo quando estão andando naturalmente é como se dançassem” (Amado, 2009, p. 87). Bala sente então o “desejo de afogar a angústia que o oprimia”, pensando em “derrubar a negrinha sobre a areia macia, em acariciar seus seios duros”. O líder dos capitães começa uma perseguição à menina, que ao perceber estar sendo seguida, apressa o passo. Alcançando a menina “como um animal feroz”, Bala vê em seu rosto o terror pela situação. Muito embora a menina resistisse ferrenhamente, ele utiliza de sua força e assedia a menina passando a mão em seus seios e logo retirando sua saia. Horrorizada, a menina expõe sua virgindade à Bala, que na insistência de consumir o estupro, diz que não retiraria sua virgindade “botando só atrás” (Amado, 2009, p. 90-91).

O que se mostra até aqui é a consoante mobilização, em Gilberto Freyre e Jorge Amado, de determinados pressupostos de uma analítica da racialidade que converge para a formação de uma “democracia racial” e de uma harmonia de raças atuante como caráter unificador do sujeito e da identidade do país. Não se pode deixar de exercer uma leitura



crítica do projeto literário amadiano percebendo seu caráter produtor de um discurso igualmente perpetuado nas Ciências Sociais e na Historiografia que resultam em um estudo da racialidade que reposiciona pressupostos racistas e sexistas. A própria noção da mulata amadiana, pelo seu rebolado e sensualidade, um dos pontos da constituição da identidade do sujeito brasileiro em sua literatura, coloca alguns dos aspectos apontados por Lélia Gonzalez no entendimento da mulher negra em seu lugar na força de trabalho e nas relações sociais. Gonzalez (2020, p. 66) expõe a maneira pela qual a “profissão mulata” compõe um objeto sexual perpetuado pela noção de *democracia racial*, em um processo que reativa um papel de “produto de exportação”. A intelectual ainda expõe acertadamente a forma como as representações sociais, manipuladas pelo discurso racista, não percebem sua permanência nas enunciações nas manutenções da ideologia do branqueamento e do mito da democracia racial:

[...] as representações sociais manipuladas pelo racismo cultural também são internalizadas por um setor que, também discriminado, não se apercebe de que, no seu próprio discurso, estão presentes os mecanismos da ideologia do branqueamento e do mito da democracia racial (Gonzalez, 2020, p. 67-68).

Consonante à crítica de Gonzalez, a filósofa Sueli Carneiro (2023) igualmente entende o enquadramento da democracia racial dentro do pressuposto mobilizado por ela de um “dispositivo da racialidade”. Perscrutando as noções de *dispositivo* nas obras de Michel Foucault, Carneiro está interessada em deslocar as conceituações para o cenário brasileiro, percebendo a maneira como o componente da racialidade engendra mecanismos de inscrição do negro pelo seu apagamento enquanto sujeito racializado, o que está, segundo a autora, para além das esferas puras do discurso, mas integrantes de um próprio biopoder (Carneiro, 2023, p. 55). A democracia racial e a miscigenação atuam, portanto, como elementos centrais para um processo de apagamento do negro em sua situação de racializado (Carneiro, 2023, p. 49-51). Esse apagamento pode ainda ser questionado sob a luz da noção de *desejo destrutivo* proposta por Denise Ferreira da Silva (2006). A autora posiciona os modos de operação racial e sexual como estratégias políticas simbólicas atuantes em mecanismos de sujeição social, percebendo a descrição do erótico na constituição do sujeito brasileiro, o “mestiço”, como um sujeito moderno que ruma para o auto-apagamento (Silva, 2006, p. 63). Ela retoma a figura de Freyre como um dos possibilitadores do desenvolvimento de tais estratégias político/simbólicas, percebendo como seu reordenamento da miscigenação e da democracia racial regulam o sujeito nacional (Silva, 2006, p. 63). Entendendo que o trabalho de Freyre



constitui um sujeito verdadeiro da história brasileira, o português, portanto, o homem branco, Silva (2006, p. 69) articula a forma como este perpetua a noção de um sujeito autodeterminado/transparente da vida, ao passo que os sujeitos determinados da morte sempre são os “outros da Europa”. Essa analítica da racialidade constitui o mestiço como símbolo do sujeito da morte (Silva, 2006, p. 70). A miscigenação freyriana é, dentro desse cenário, uma concretização ou um efeito do desejo português (masculino), em última instância (Silva, 2006, p. 74). O componente do erótico de Freyre ainda é problemático por posicionar que a única contribuição relevante dos africanos foi o corpo da escrava, uma vez que as relações na casa-grande compunham o microcosmo político no qual a história brasileira se desenvolve propriamente. A erótica freyriana, segundo a leitura de Silva, possibilita a sondagem de um sujeito subalterno gendrado/racializado duplamente vulnerável e reativado como instrumento do agente português.

Muito embora as aproximações da miscigenação em Amado e Freyre sejam distintas no cenário elencado pelo escritor do pressuposto de proletariado, não deixa de ser pertinente o deslocamento da crítica de Denise Ferreira (2006) para o escritor baiano. Ao convergir discursivamente para as conceituações freyrianas, Jorge Amado reativa os “resíduos” da africanidade e enlaça-os à narrativa de formação temporal do sujeito brasileiro, no qual o erótico enquadrado posiciona, sobretudo o corpo feminino, como um instrumento do desejo. A inserção dos sujeitos negros e as suas relações e modulações da masculinidade igualmente atendem à noção amadiana do cenário de “intoxicação sexual” percebida por Freyre. Conforme percebe Custódio (2018, p. 134), a constituição do negro não como um Homem, mas como um *homem negro*, resulta em sua amarração à dor da masculinidade patriarcal hegemônica. O processo de sujeição que marca essa existência pelo traço de não-humanidade engendra uma performance ambivalente metonimizada da masculinidade hegemônica branca, reavivando um negro “pervertido”, hiperssexualidade e viril, um “bom negro” que mesmo almejando o poder, autoridade e o reconhecimento, não atinge o simbólico efetivo (Custódio, 2018, p. 159-160).

Assim, antes de pressupor um esgotamento da temática, entendo que a complexificação de uma leitura crítica dos textos de Jorge Amado seja pertinente para a problematização dos discursos de formulação do sujeito e da identidade nacional no Brasil. Sendo os componentes da raça e do sexo central em Amado, a constituição de seu sujeito



revolucionário, as masculinidades e feminilidades nas performances de seus personagens, são igualmente pautadas pelos múltiplos trânsitos discursivos que modulam as analíticas de racialidade e da sexualidade na década de 1920 e 1930.

Considerações Finais

Durante este trabalho, procuramos estabelecer possibilidades de analisar e operacionalizar a história enquanto crítica para questionar a formação discursiva de Jorge Amado, tendo como horizonte a problematização das enunciações literárias do autor nos romances *Suor* e *Capitães da Areia*. Ao entender suas aproximações de ambientes de debates profícuos, dos quais muitos eram divergentes, como o caso do *Boletim de Ariel*, mas também do âmbito partidário e as transformações que este proporcionou em sua prática de escrita, procuramos abordar a forma como a individualidade do sujeito foi agregada à vontade coletiva, conformada dentro de uma ordem monolítica e hierarquizada que estabeleceu, paradoxalmente às suas inserções de enredo, um afastamento das estéticas dissidentes. Em ambos os romances enfocados, Amado propõe uma inserção múltipla de sujeitos oprimidos pelo capital, todos aliançados sob a égide de uma organização sindical-partidária, reposicionando, por outro lado, discursos estigmatizantes dos “desviantes”. Neste ponto, a formulação de uma masculinidade viril é tida como pauta central ao tipo-militante de Amado, fornecendo pelo vislumbre da trajetória de conscientização de classe inserida em ambos os enredos, uma sondagem da constituição das subjetividades de indivíduos menos aparentes. A estigmatização de sujeitos como Franz, Ângelo, Boa-Vida, para citar alguns dos trabalhados, formam um arcabouço para a crítica central das hierarquias das masculinidades preferíveis ao sujeito revolucionário montado por Jorge Amado. Os intercursos sexuais de Medonho, Henrique e Boa-Vida, ainda deixam entrever a forma como o escritor coaduna a sexualidade ao componente da raça, constituindo, em consonância com a analítica da racialidade freyriana, uma masculinidade negra imersa nos pressupostos de desejo desenfreado e perversão.

Neste estudo, entendemos que a inserção das múltiplas figuras marginalizadas, muito embora possua caminhos de inserção para o processo revolucionário ficcionalizado pelo escritor, dá-se por trajetos postos dentro da construção de uma moral paradoxal que remonta àquela hegemônica burguesa e heteronormativa (Antunes, 2009), possibilitando, uma vez



Altair Santa Clara de Oliveira Neto

*“Homem igual mulher, pior que uma mulher”:
escrita das masculinidades na literatura de Jorge Amado*

mais, a produção de discursos estigmatizantes de sujeitos não enquadrados dentro deste campo. Através do texto literário, procuramos reavivar a pertinência dos discursos ficcionalizados e os paralelos possíveis com as construções discursivas dos âmbitos historiográficos, sociológicos e antropológicos.

Postulamos assim, não como forma de esgotamento da temática, que a defesa de uma (re)leitura crítica deve-se pautar nos pressupostos epistemológicos que desestabilizem a construção hegemônica dos cânones acadêmicos. Pelo caminho proposto, procuramos tecer neste trabalho uma crítica sobre a obra amadiana, questionando suas construções das performances do masculino e do feminino e suas implicações na formação do sujeito. Borrando os limites entre a leitura do texto literário e da narrativa historiográfica, digo junto à Donna Haraway (2009) que a pertinência da manutenção dessas tensões está em diagnosticar as reorganizações do poder e as práticas de assujeitamento na contemporaneidade. Nossa postura deve ser, como pensa Preciado (2022), de insubmissão epistemológica.

Fontes

Amado, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Amado, Jorge. **Navegação de cabotagem**: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei. Rio de Janeiro: Record, 1992.

Amado, Jorge. **Suor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Amado, Jorge. “O Gororoba”. **Boletim de Ariel**, Rio de Janeiro, n. 3, dez. 1933, p. 71.

Referências

Albuquerque Júnior, Durval Muniz de. **Nordestino**: uma invenção do falo: uma história de gênero masculino (Nordeste-1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003.

Antunes, Ana Luiza Rodríguez. **Homossexualidade**: a mestiçagem que Jorge Amado não viu: um estudo sobre as personagens homossexuais nos romances de Jorge Amado. Tese (Doutorado em Letras). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2009.

Bordini, Maria Isabel da Silveira. **Luiz Ruffato e o romance proletário no Brasil**. Tese (Doutorado em Estudos Literários). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2019.



Altair Santa Clara de Oliveira Neto

*“Homem igual mulher, pior que uma mulher”:
escrita das masculinidades na literatura de Jorge Amado*

Bueno, Luís. **Uma História do Romance de 30**. São Paulo: Ed. USP; Campinas: Ed. Unicamp, 2006.

Butler, Judith. Identidade, sexo e metafísica da substância. *In*: Butler, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p.37-48.

Carneiro, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2023.

Custódio, T. A. S. Per-vertido Homem Negro: reflexões sobre masculinidades negras a partir de categorias de sujeição. *In*: Restier, Henrique; Souza, Rolf Malungo de. (Orgs.). **Diálogos Contemporâneos sobre Homens Negros e Masculinidades**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018. p. 133-164.

Dimas, Antonio. Em torno da cultura do negro brasileiro: o projeto comum de Jorge Amado e de Gilberto Freyre nos anos 30. *In*: Chaves, Vania Pinheiro; Monteiro, Patrícia. **100 anos de Jorge Amado: o escritor, Portugal e o Neorrealismo**. Lisboa: CLEPUL. 2015. p. 111-128.

Dos Passos, John. **The USA Trilogy**. Boston: Houghton Mifflin, 2000.

Foucault, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

Freyre, Gilberto. **Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global, 1994.

Fry, Peter. **O que é homossexualidade?** São Paulo: Abril Cultural, 1985.

Gold, Michael. **Judeus sem dinheiro**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

Goldstein, Ilana Seltzer. **O Brasil best seller de Jorge Amado: literatura e identidade nacional**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2019.

Gonzalez, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2020.

Green, James Naylor. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Ed. Unesp, 2019.

Green, James Naylor. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Ed. Unesp, 1999.

Haraway, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 2009.



Altair Santa Clara de Oliveira Neto

*“Homem igual mulher, pior que uma mulher”:
escrita das masculinidades na literatura de Jorge Amado*

Luca, Tania Regina de. Periódicos lançados por editoras: o caso do Boletim de Ariel (1931-1939). **História**, v. 36, n. 2, p. 1-18, 2018.

Neto, Evandro José dos Santos. **Trilogia do sujeito revoltado: Jorge Amado e a estética do romance proletário em Cacao, Suor e Jubiabá**. Tese (Doutorado em Letras). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2022.

Nogueira, Nadia Cristina. **Sexualidade e socialização em Gilberto Freyre**. Dissertação (Mestrado em História). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2000.

Parker, Richard. **Corpos, prazeres e paixões: cultura sexual no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Best Seller, 1991.

Pigenet, Michel. Virilidade Operárias. In: Corbin, Alain; Courtine, Jean-Jacques; Vigarello, Georges. **História da virilidade: triunfo da virilidade. O século XIX. Vol. 2**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013. p.248-249.

Pillon, Thierry. Virilidades Operárias. In: Corbin, Alain; Courtine, Jean-Jacques; Vigarello, Georges. **História da virilidade: triunfo da virilidade. O século XIX. Vol. 2**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013. p. 365-381.

Preciado, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

Pontes, Matheus de M. **Jorge Amado: entre engajamentos e a militância comunista (1929-1956)**. Tese (Doutorado em História). Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2018.

Rago, Margareth. Sexualidade e identidade na historiografia brasileira. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, v. 6, n. 1, p. 59–74, 2006.

Raillard, Alice. **Conversando com Jorge Amado**. Rio de Janeiro: Record, 1992.

Rossi, Luiz Gustavo Freitas. As cores e os gêneros da revolução. **Cadernos Pagu**, v. 1, n. 23, p. 148–198, 2016.

Silva, Denise Ferreira da. À brasileira: racialidade e a escrita de um desejo destrutivo. **Revista Estudos Feministas**, v. 14, p. 61–83, 2006.

Submetido em: 17 de abril de 2026

Avaliado em: 14 de maio de 2026

Aceito em: 18 de maio de 202X